



O INCENTIVO AO ESTUDO DAS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES NAS ESCOLAS POR MEIO DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS.

Carmem Lorena Henrique Fernandes - Aluna de Direito (UEM)

Adrielly de Oliveira Silva - Aluna de Psicologia (UEM)

Crishna Mirella Correa de Andrade - Orientadora de Direito (UEM)

Ra129464@uem.br

Resumo:

O Projeto de Extensão intitulado como “Mulheres, Empoderamento e Liderança Políticas Públicas e Ações de Enfrentamento às Violências contra as Mulheres” (EMPODERA-UEM) atua em consonância com o eixo preventivo previsto na Lei Maria da Penha (11.340/2006), tecendo práticas contra a violência de gênero. Tal projeto é financiado pela Fundação Araucária na chamada “Programa Mulheres Paranaenses: Empoderamento e Liderança”, envolvendo uma equipe multidisciplinar de professoras orientadoras do direito, comunicação e multimeios, artes visuais e psicologia; bem como estudantes e bolsistas PIBIS, PIBEX e PIBIART de psicologia, direito e artes visuais. Então, o projeto opera por meio da colaboração entre diversos campos do conhecimento, uma vez que o problema da violência de gênero não se limita a uma única esfera da sociedade ou campo de estudo. Sendo assim, o EMPODERA realiza discussões nas escolas sobre as questões que atravessam a órbita da violência de gênero em sua constante interseccionalidade. Isso ocorre por meio do projeto PIBIC-EM/CNPQ, que conta com a integração de bolsas para alunos/as/es do ensino médio que, por sua vez, elaboram materiais didáticos e produzem intervenções no Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP-UEM) sobre estereótipos de gênero e violência. As ações desenvolvidas pelo projeto foram, a saber: Concurso de Cartazes nomeado de “Não é Brincadeira é Assédio”; Clube do Livro Silvana Soares Câmara; Ação com Atléticas e com os Bares discutindo o protocolo Não é Não (14.786); Participação no Paraná faz Ciência 2023; Panfletagens; Postagens informativas no Instagram. Por fim, é realizado também um Grupo de Estudos discutindo referências críticas de gênero como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Kimberlé Crenshaw, Carla Akotirene, Conceição Evaristo e outras mulheres feministas de luta e resistência.

Palavras-chave: Gênero; Empoderamento; Interseccionalidades; Educação; Enfrentamento às violências.



1. Introdução

O projeto “Mulheres, Empoderamento e Liderança: Políticas Públicas e Ações de Enfrentamento às Violências contra as Mulheres”, conhecido como EMPODERA-UEM, está alinhado com o enfoque preventivo da Lei Maria da Penha (11.340/2006), que visa assegurar a implementação desta lei. Seu objetivo é promover a disseminação de informações e a conscientização sobre a violência contra as mulheres no contexto doméstico e suas interseccionalidades.

O suporte teórico e prático que fundamenta o projeto é baseado na perspectiva de gênero e na ferramenta analítica da Interseccionalidade, adotando uma abordagem decolonial. Isso sustenta a atuação do projeto ao reconhecer e abordar as opressões relacionadas a gênero, classe e raça em uma sociedade marcada por misoginia, sexismo, patriarcado e racismo.

Scott (1995) defende que gênero é uma categoria útil para a análise histórica, ou seja, abordar a violência contra as mulheres por uma perspectiva de violência de gênero é reconhecer que a violência se assenta em uma relação de desigualdade de poder entre homens e mulheres e que houve um longo processo de discriminação histórica contra as mesmas. Gênero para a autora é compreendido em duas partes complementares e cruciais: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86).

Dessa forma, o projeto foca em ações na área estratégica da educação. Para isso, adota uma metodologia ativa que promove a colaboração entre orientadores, professores, universitários e estudantes do ensino médio. As atividades são planejadas para provocar mudanças sociais, incentivando a criação de vínculos e o trabalho conjunto.



2. Metodologia

O concurso de cartazes “Não é Brincadeira é Assédio” desenvolvido pelas participantes da edição 2022/2023 do projeto PIBIC-EM como parte da intervenção realizada no Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP-UEM), foi feito como metodologia ativa, resultado de uma série de palestras ministradas pelas participantes do projeto com a orientação das equipes dos projetos NUMAPE e EMPODERA da UEM sobre o tema: assédio nas escolas e a normalização dos estereótipos de gênero, os cartazes alvo do concurso foram produzidos pelas turmas do ensino médio do CAP, as turmas foram divididas em grupos de 5 a 6 integrantes e cada grupo tinha por objetivo realizar uma produção artística em cartolinas com tintas, lápis e outros materiais, utilizando também de trechos de músicas e poemas, cerca de 55 cartazes foram produzidos sobre a temática assédio e a cultura do assédio, ressaltando o assédio no ambiente escolar, ambiente de trabalho e espaços públicos.

Os cartazes foram expostos no CAP e na biblioteca central da UEM (BCE), o concurso foi divulgado nas redes sociais do projeto EMPODERA e teve duas etapas de votação, votação feita pelo público via instagram e a votação feita pelo júri técnico composto por docentes da UEM, cujo o cartaz vencedor segundo votação do júri técnico será capa do livro a ser publicado em 2024 como resultado dos projetos e os produtores do cartaz vencedor segundo votação do júri popular foram premiados com um rodízio de hambúrguer.

3. Resultados e Discussão

O desenvolvimento das atividades supracitadas, em conjunto constante com professores, promove o contato dos alunos – de forma ativa – com os conceitos de gênero, tecnologia de gênero, interseccionalidade, violência contra as mulheres, a rede de enfrentamento, a Lei Maria da Penha e sua história, o papel da cultura na formação de meninas e meninos, entre outras discussões cruciais para o letramento de gênero. Partir dessa perspectiva crítica, é assentir que a violência opera por meio da desigualdade de poder entre

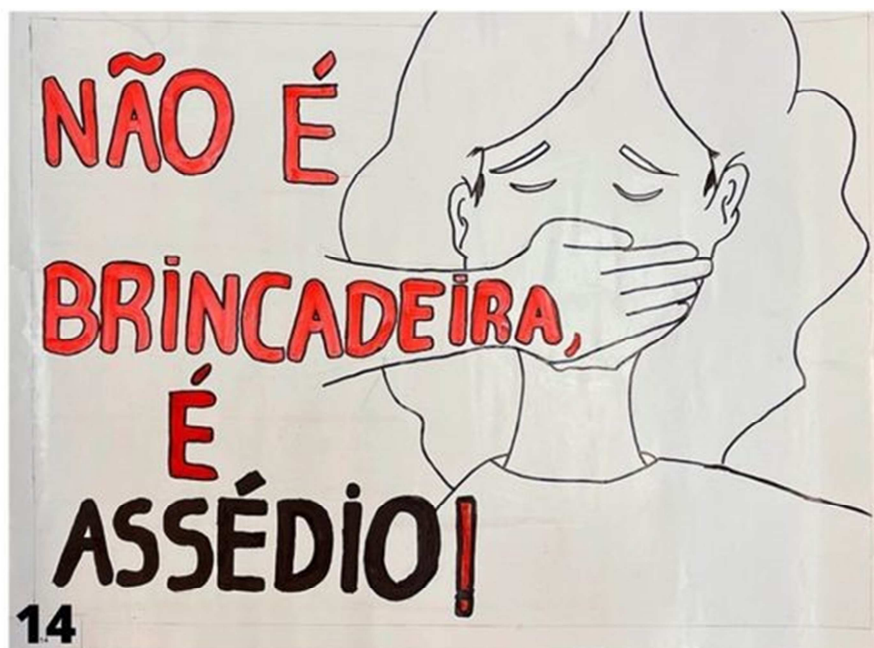


homens e mulheres, “seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. (SCOTT, 1995, p.88).

Desta forma, por meio dessa prática, foi possível desnaturalizar as discriminações de gênero, raça, classe e violência como algo que sempre esteve no bojo da sociedade, portanto, sendo algo natural. A categoria gênero começou a ser utilizada pelos estudantes para a) denunciar as discriminações que as mulheres sofrem; b) instrumentalizando-os a pensar gênero em uma relação social construída sempre em articulação com o eixo do poder; c) entendendo as situações que oprimem a mulher como violência, d) nomeando de acordo com a caracterização da Lei Maria da Penha (violência física, sexual, patrimonial, moral e psicológica); e) se engajando em produzir intervenções que levassem as informações para outros alunos, pais e professores.

A educação, portanto, “é crucial para o desenvolvimento de um pensamento crítico que permita a análise dos problemas sociais. [...] Sem uma educação de qualidade, a sociedade não pode ser plenamente democrática.” (COSTA JUNIOR, 2023, p. 131)

Figura 1. Cartaz resultado do concurso “Não é Brincadeira é Assédio”



Fonte: a autora.

4. Considerações

Por meio do tripé ensino-pesquisa-extensão, foi possível debater a igualdade de gênero nas escolas, ampliando o alcance dessa temática, contribuindo para a formação acadêmica das bolsistas integrantes do projeto, mas também dos alunos do Ensino Médio com as ações do Clube do Livro e da Campanha de Cartazes. Portanto, fica evidente o papel desempenhado pela educação no processo de construção de uma sociedade livre, emancipada de toda forma de expropriação humana. (TEIXEIRA, 2022, p. 10)

As atividades de extensão se constituem justamente no propósito de disseminação dos conhecimentos produzidos no meio acadêmico, ligando a Universidade e comunidade externa. Não se trata apenas de focalizar a transmissão de conhecimento, a extensão é uma ferramenta importante na promoção da transformação social e da própria educação.

Referências



SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, 1995, v. 1S, n.2, jul./dez.

TEIXEIRA. S. R. S. A Educação em Vigotski: prática e caminho para a liberdade. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 47, 2022.